

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO: percepções e proposições de ação dos professores

*Késsia Mileny de Paulo Moura
Luciana Silva Palmeira
Samantha Morais de Oliveira Sousa*

Resumo

Este artigo discute a educação midiática no combate à desinformação. Sua relevância está em refletir sobre o modo como as tecnologias digitais de informação e comunicação se fazem presente de forma negativa em nosso cotidiano e como a educação midiática pode ser inserida e aplicada no contexto escolar. Assim, tem como objetivo situar em que termos, na percepção dos professores, a desinformação tem chegado na escola, e quais proposições têm sido desenvolvidas com vistas a combatê-las, na perspectiva de uma educação midiática. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. Inicialmente discutiu-se teoricamente as *fake news* como um fenômeno midiático presente no tempo e espaço atual de forma mais consubstancial e, em vista disso, a educação midiática como um caminho possível. Em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo com professores da rede básica de ensino, utilizando questionário online como instrumento de produção dos dados. Como resultados, os professores percebem as implicações pessoais, sociais e pedagógicas da chegada da *fake news* na escola e vislumbram ações convencionais, porém válidas, na promoção de uma educação para/com/sobre as mídias.

Palavras-chave: tecnologias; desinformação; educação midiática; professores

MEDIA EDUCATION IN COMBATING MISINFORMATION: teacher's perceptions and proposals for action

Abstract

This article discusses media education in the fight against disinformation. Its relevance lies in reflecting on how digital information and communication technologies are negatively present in our daily lives and how media education can be inserted and applied in the school context. Thus, it aims to situate in what terms, in the perception of teachers, disinformation has reached schools, and what proposals have been developed with a view to combating it, from the perspective of media education. This is qualitative research. Initially, fake news was theoretically discussed as a media phenomenon present in the current time and space in a more consubstantial way and, in view of this, media education as a possible path. Then, a field survey was conducted with teachers from the basic education network, using an online questionnaire as a data production instrument. As a result, teachers perceive the personal, social and pedagogical implications of the arrival of fake news in schools and envision conventional but valid actions in promoting education for/with/about the media.

Keywords: technologies; disinformation; media education; teachers

EDUCAÇÃO EM MEDIOS PARA COMBATIR LA DESINFORMACIÓN: percepciones y propuestas de acción de los docentes

Resumen

Este artículo analiza la educación mediática para combatir la desinformación. Su relevancia radica en reflexionar sobre la forma en que las tecnologías digitales de la información y la comunicación están negativamente presentes en nuestra vida cotidiana y cómo la educación en medios puede insertarse y aplicarse en el contexto escolar. Así, su objetivo es determinar en qué términos, en la percepción de los docentes, la desinformación ha llegado a las escuelas y qué propuestas se han desarrollado para combatirla, desde la perspectiva de la educación en medios. Esta es una investigación cualitativa. Inicialmente se discutió teóricamente las *fake news* como un fenómeno mediático presente en el tiempo y el espacio actual de manera más sustancial y, frente a ello, la educación en medios como un camino posible. A continuación, se realizó una investigación de campo con docentes de la red de educación básica, utilizando como instrumento de producción de datos un cuestionario en línea. Como resultado, los docentes perciben las implicaciones personales, sociales y pedagógicas de la llegada de noticias falsas a la escuela e imaginan acciones convencionales pero válidas para promover la educación para/con/sobre los medios.

Palabras clave: tecnologías; desinformación; educación en medios; maestros

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) trouxeram impactos positivos e negativos em relação às práticas sociais que as utilizamos e efetivamos nos nossos processos comunicativos e de construção de conhecimento e aprendizagem. Se por um lado temos o acesso à informação e comunicação aberto e ampliado, por outro, a veracidade e criticidade quanto ao que é informado e veiculado tornou-se problemático, naquilo que a Unesco (2023) tem colocado como processo de desinformação, que tem impulsionado a educação, a escola e os professores a buscarem alternativas de trabalhar no combate a essas práticas equivocadas na realidade atual que produzimos.

Nesse viés, temos a educação midiática que, de acordo com Unesco (2023), abrange a capacidade para identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e usar novas tecnologias conforme os diversos contextos, em um processo contínuo de aprendizagem possibilitando que os indivíduos alcancem os seus objetivos, desenvolvendo seu potencial, suas competências e habilidades a partir da aquisição e aprimoramento de conhecimentos. Através dela é possível que os indivíduos participem de forma mais crítica, contribuindo para o bem-estar social.

Embora possa parecer excessivo e complexo, a escola tem um papel fundamental de fornecer respostas às problemáticas desse nosso tempo. É preciso despertar os alunos para a pesquisa, o pensamento crítico, o questionamento, a argumentação e a reflexão para além das informações que são veiculadas em rede e dadas pelo senso comum como verdadeiras. Dito isto, este texto tem como objetivo situar em que termos, na percepção dos professores, a desinformação tem chegado na escola, e quais proposições têm sido desenvolvidas com vistas a combatê-las, na perspectiva de uma educação midiática.

Para tanto, utilizamos como instrumento de produção dos dados, um questionário on-line, elaborado na plataforma *Google Forms* e lançado aos participantes, ocasião em que também foi solicitado o consentimento de utilização das respostas para fins acadêmicos e científicos. Sobre o questionário, Gil (2014, p. 140), define como “[...] técnica de investigação composta por um

conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses e expectativas”. Optando pelo modelo on-line, Oliveira, Vieira e Amaral (2021) falam que estes podem ser definidos como questionários no campo do digital, que intermediam o processo de pesquisa, sendo de fácil transmissão, garantindo o anonimato dos respondentes e podendo ser elaborado com questões fechadas ou abertas. No nosso caso, foram quatro questões abertas lançadas a professores que fazem parte de nossos contatos de trabalho, via *e-mail*, durante os meses de novembro e dezembro de 2023.

Investigar e desvelar as implicações da desinformação nas dinâmicas educativas, bem como o trabalho que os professores têm desenvolvido na perspectiva de combatê-la, é relevante por fornecer subsídios que iluminem as ações da escola e dos docentes, além de oportunizar reflexões sobre os processos empreendidos. Com isso, acreditamos fornecer respostas coerentes aos problemas atuais, ou ao menos apontar um caminho para isso.

AS TDIC NA DESINFORMAÇÃO, E UMA SAÍDA

A cultura digital nos trouxe à convivência inúmeras telas, servindo de meios para o consumo, produção e propagação de informações e comunicação a um toque, e os sujeitos não obtiveram a formação necessária para agir na sociedade digital (Roznieski, 2022), mas também preocupações diante da avalanche de conteúdos publicados, principalmente nas redes e mídias sociais, que ocorrem a todo instante. Nesse sentido, ao passo que todos fomos afetados pelas tecnologias, é preciso ter olhar atento e criterioso com relação as informações que nos chegam, bem como uma educação que melhor conduza nossas práticas comunicativas em rede.

Francesco e Leone (2020, v. 5, p. 1) nos colocam que “[...] as redes sociais digitais tornaram-se ferramentas de informações e alta disseminação e engajamento, tanto no consumo como na produção de conteúdo”, quer sejam verdadeiras ou não. Essa produção e disseminação intermediada pelas tecnologias causam uma série de danos, entre eles, a dificuldade ao acesso às informações com embasamento científico, uma vez que as falsas notícias sobre um determinado assunto chegam com mais facilidade por meio de plataformas digitais. Estas adquiriram um poder de engajamento enorme, por deterem forte dinâmica de fluidez de conteúdos disseminados em alta velocidade, atingindo muitas pessoas e usufruindo de poder de convencimento nunca antes observado na humanidade.

Ao serem analisadas as ações das maiores plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *YouTube* e *X (Twitter)* no que diz respeito a abordagem do fenômeno e moderação do conteúdo, Barbosa, Martins e Valente (2020-2021, p. 11), concluem que estas “[...] não apresentam políticas e processos estruturados sobre o problema da desinformação e desenvolvem ações pontuais e reativas no combate ao fenômeno.” Além disso, estas têm evitado averiguar mensagens desinformativas, ou que disponham de estrutura de abordagem sobre a temática da desinformação. Em virtude disso, podemos perceber a dimensão de más intenções a que as pessoas estão expostas todos os dias por meio dessas ferramentas digitais.

Acrescido a isso, nos últimos tempos, especialmente nessas plataformas digitais, muito se fala em *liberdade de expressão* para justificar atos criminosos em consonância com a desinformação, contrapondo-se claramente à legislação brasileira, a exemplo da Constituição de 1988, em que a liberdade de expressão defendida não abrange a disseminação intencional de mensagens e informações falsas, que ocasionam prejuízos significativos a pessoas, grupos específicos ou a sociedade inteira, necessitando que sejam combatidas a partir da transparência das mídias sociais, além do pensamento crítico dos cidadãos.

A desinformação, com a conivência das *big techs*, tornou-se um problema global e precisa ser combatida, vez que este cenário da sociedade da informação e comunicação tem se mostrado cada dia mais arriscado e complexo, com a necessidade de que cada indivíduo saiba atuar em um ambiente digital regado de manipulação e notícias falsas, popularmente conhecidas como *fake news*.

Segundo Galhardi *et al.* (2020), *fake news* significa a criação e disseminação de notícias falsas em larga escala com propósitos econômicos e políticos. Esse modelo de *notícia* deturpa os fatos para conseguir audiência, engana, desinforma, manipula a opinião pública, enaltece ou desmerece uma instituição e/ou pessoa que esteja relacionada a um assunto em questão.

Ademais, para Pennycook e Rand (2021), é importante considerar os fatores que podem influenciar no que as pessoas acreditam, assim, torna-se necessário observar e diferenciar dois conceitos quanto à crença em notícias verdadeiras e falsas. Uma característica, segundo os autores, é o foco no “[...] discernimento da verdade ou até que ponto a desinformação é relativa” (Pennycook; Rand, 2021, v. 25, p. 388, tradução nossa). Logo, este discernimento trazido pelos autores, nos leva à lógica de que existe uma base de crença, ou seja, o que já se acredita, determina a visão sobre a diferenciação de conteúdo verdadeiro e falso.

O fato é que, comprovadas ou não, as informações muitas vezes não passam por um processo de análise crítica ou reflexiva antes de serem tomadas como verdade. Diante disso, podemos considerar que esses grupos de pessoas propagam conteúdos que estão em conformidade com suas crenças políticas, defendendo-os com convicção, mesmo que careçam de fundamentação sólida. Além desses fatores, há ainda outro risco: o uso da inteligência artificial (IA) para manipulação de dados por meio de imagens e sons, conhecido como *deepfake*. Mais especificamente:

Trata-se do uso da inteligência artificial para editar vídeos falsos mas realistas com pessoas agindo como nunca fariam na vida real. Essa técnica de fraude pode gerar conteúdos pornográficos, ou produzir montagens de falsos discursos para difamar pessoas [...]. A edição combinada de áudio e imagem é chamada de *deep fake* [...]. O alvo preferido dos criadores de *deep fake* são políticos e celebridades (Santana; Simeão, 2020, p. 7).

O *deepfake* representa uma ameaça, vez que a grande maioria dos usuários não consegue identificar se um vídeo ou conteúdo foi manipulado. As autoras esclarecem que essa nova forma de falsificação da realidade é um problema que vem crescendo de forma alarmante e pode alcançar proporções gigantescas.

Desta forma, habilidades para lidar com a informação são fundamentais para interpretar a qualidade do que está sendo apresentado e verificar se os conteúdos ofertados são reais (Santana; Simeão, 2020). À vista disso, a criticidade sobre um conteúdo ou assunto requer muito além que saber utilizar as tecnologias digitais, mas entender que ao adentrar em rede, ela pode nos levar a *caminhos* que alienam, confundem e fazem-nos defender inverdades.

Isso nos mostra o quão imperioso é o letramento midiático em uma educação concreta para a realidade virtual em que convivemos. Nesse aspecto, evidenciar uma educação que ajude a despertar a consciência e criticidade dos indivíduos é sumamente importante para que possam averiguar as informações e conteúdos aos quais estão acessando através dos meios de comunicação. Uma educação que promova a adoção de atitudes que contribuam ao enfrentamento das informações falsas, voltada para o aperfeiçoamento e vivência no mundo virtual a fim de despertar uma inteligência digital, análise e boas práticas de consumo dos conteúdos. Neste caso, uma educação midiática, como abordaremos agora.

A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

Educação midiática, em linhas gerais, é um processo por meio do qual os indivíduos aprimoram a sua compreensão sobre conceitos e aspectos da tecnologia no que diz respeito às informações e comunicação, de modo que uma informação produzida ou compartilhada revele as competências necessárias de consciência e criticidade diante das redes, reduzindo as chances e os riscos de que os indivíduos sejam enganados ou prejudicados. Sem ela, nos alerta Roznieski (2022), corremos o perigo de não haver pessoas e sociedades desenvolvidas no futuro, tendo em vista um sistema educacional que não acompanhe a rapidez e o impacto que a tecnologia digital trouxe para a nossa existência.

Esse alerta nos leva a refletir sobre a necessidade de que a educação midiática seja iniciada já nos primeiros anos da vida escolar. De acordo com Buckingham (2010), a educação midiática envolve muitas possibilidades, mas também inúmeros desafios, uma vez que jovens, adultos e até mesmo crianças acessam conteúdos digitais e interagem com facilidade com ferramentas tecnológicas em seu cotidiano, fora do ambiente escolar. Isso torna mais complexa a atuação da escola no contexto da educação midiática, exigindo um olhar mais amplo sobre as experiências dos sujeitos fora da escola, bem como maior atenção à forma como os estudantes se relacionam com as mídias, o que aprendem, o que já desenvolveram e como esses saberes podem servir de base para o planejamento das experiências pedagógicas com o uso das mídias.

Para formarmos alunos críticos no combate a desinformação e, por conseguinte, aperfeiçoar nossas práticas sociais para o uso de mídias, Roznieski (2022, p. 36) reconhece a importância dos processos educativos e o papel do professor como mediador de um ecossistema digital sadio e crítico, dizendo que “[...] quem pode auxiliar a construir esse ambiente é o(a) docente, responsável por incentivar o protagonismo discente que tanto se espera neste novo e desafiador cenário do mundo digital, em constante movimento e transformação”.

Em virtude disso, os professores das escolas de ensino regular estão cada dia mais tomando consciência de que a tecnologia deve fazer parte do cotidiano escolar, reconhecendo suas diversas facetas e utilidades como instrumento de ensino. Porém, é importante ressaltar que a simples prática com tecnologia não se configura necessariamente uma educação midiática. Segundo Buckingham (2010, p. 52) “[...] estas abordagens são interessantes e produtivas, mas há dois fatores que as distinguem do uso da produção digital no contexto da educação midiática.”

Segundo Buckingham (2010), o uso das tecnologias, especificamente quando nos referimos à internet e ao público infantil, se resume em interesses da cultura popular, como os jogos de computador, por exemplo. O outro fator é a reflexão teórica, que é a relação entre o que se está fazendo com a reflexão crítica da ação, que é algo primordial para o desenvolvimento de um letramento crítico.

O público estudantil, nesta lógica, passa a usar a tecnologia desenvolvendo uma compreensão mais sistemática de como funciona a mídia e como pode utilizar de forma mais reflexiva (Buckingham, 2010). Inseridos em um processo de educação midiática, esse público certamente terá mais chances e capacidade de aplicar seus conhecimentos na sociedade que vive, sendo um sujeito ativo e transformador de sua realidade.

A nosso ver, aqui encontramos consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que nos orienta da seguinte forma:

É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais.

Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (Brasil, 2018, p. 16).

O objetivo deve ser ampliar as possibilidades de aprendizagem, otimizar tempo e gerar resultados mais satisfatórios. Nesse sentido, o conhecimento midiático ultrapassa o conceito de saber o que usar ou como usar. Buckingham (2010) afirmou que é muito comum os professores utilizarem as TDIC para expor elementos externos, trazendo aspectos disso para a sala de aula, quando poderiam abordar questões de extrema relevância, como, por exemplo, o modo como as mídias representam o mundo, como e por qual motivo foram produzidas.

A discussão sobre a inserção das tecnologias na sala de aula é uma constante há algum tempo. Os professores, responsáveis por mediar o conhecimento às crianças e jovens, devem ser bem-preparados para esta realidade, uma vez que educar um estudante midiaticamente requer a dotação de conhecimentos específicos e competências que deem suporte a uma proposta com esses fins.

Roznieski (2022, p. 38), aponta que todo o sistema deve estar interligado e unido no mesmo propósito, pois assim permitirá que sejam desenvolvidas políticas públicas em prol da formação dos estudantes, tornando-os literatos em mídia. Essa consciência não deve se limitar à escola, deve-se estender ao ensino superior “[...] de forma que o escopo de reflexão formativa necessária seja garantido na formação de novos cidadãos, possibilitando a aquisição de hábitos de consumo de informação qualificada”. Dessa forma, ressaltamos a necessidade da construção da cultura digital durante todas as etapas da vida do indivíduo, sendo aplicada em diversos ambientes e meios sociais.

Partindo deste princípio, um indivíduo que teve acesso à educação midiática deve ser capaz de conseguir julgar um texto midiático, utilizando-se de sua capacidade crítica e a habilidade de reconhecer características e elementos de um texto desta natureza. Segundo Roznieski (2022) alguém que consegue dominar as mídias desta forma, consegue, portanto, se posicionar em discussões relevantes em nossa sociedade, como em questões sobre eleições e política, demonstrando e exercendo a democracia. Além disso, tal ação propiciará o desenvolvimento de uma “[...] postura ativa em relação ao consumo e à criação de mídia” (Roznieski, 2022, p. 38).

Robbs (2010) pontua alguns passos importantes e necessários aos indivíduos inseridos no contexto atual, em seu relatório *Digital and media literacy: A plan of action*. Trata-se de um material que oferece um plano de ação sobre como levar a educação midiática em ambientes formais e informais por meio do movimento de uma educação comunitária. Para sua promoção, é necessário partir das vivências do indivíduo, considerando a contextualização de suas experiências com as mídias e promovendo uma reflexão crítica sobre seu uso, suas implicações e influências na sociedade.

Robbs (2010, p. 7, tradução nossa) instrui-nos a exercitar esta prática em nosso meio social, com ações simples e acessíveis, conforme tabela 1.

Tabela 1: Ações para exercitar a educação midiática segundo Robbs (2010)

| | |
|---|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | Faça escolhas responsáveis e acesse informações localizando e compartilhando materiais para compreender informações e ideia; |
| 2 | Analise mensagens em diversas formas, identificando o autor, a finalidade e ponto de vista, avaliando a qualidade e credibilidade do conteúdo; |
| 3 | Crie conteúdo em diversas formas, fazendo uso de linguagem, imagens, som e novas ferramentas e tecnologias digitais; |
| 4 | Refleta sobre a própria conduta e comportamento de comunicação aplicando responsabilidade social e princípios éticos; |
| 5 | Realize ações sociais trabalhando individual e colaborativamente para compartilhar conhecimento e resolver problemas na família, no local de trabalho e na comunidade, e participando como membro de uma comunidade. |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Aqui, podemos analisar que ser capaz de exercer tais competências é algo necessário para todos os indivíduos. Para isso, é sensato afirmar que precisamos de uma reformulação nos currículos e nas práticas dos professores, com o objetivo de tornar a presença das tecnologias mais substantiva. Em vez de impor um modelo ou limitar o uso das mídias, é necessário aprender a utilizá-las e compreendê-las em seus pormenores, pois elas estão inseridas em nosso cotidiano, e muitos de seus aspectos passam despercebidos — como, por exemplo: “[...] os algoritmos e os sistemas de pesquisa e recomendação. Não entendemos as dimensões econômicas da internet e como os dados são comprados e vendidos” (Calixto; Luiz-Carvalho; Citelli, 2020, v. 25, p. 136).

O que cabe a nós enquanto educadores é a missão de entusiasmar uns aos outros a formar indivíduos e usuários críticos e *alfabetizados em mídia*. Portanto, é pertinente destacar que “[...] não basta interpretar o mundo: também temos que mudá-lo. A educação midiática não deve apenas nos permitir lidar com esse novo mundo digital: cabe a ela nos encorajar a imaginar e exigir algo diferente!” (Calixto, Luz-Carvalho, Citelli, 2020, v. 25, p. 137).

Assim, reconhecer a necessidade de mudança é de suma importância, uma vez que as circunstâncias atuais exigem de nós uma postura proativa, voltada para a ação e impulsionada pelo desejo de transformação nas diversas esferas da sociedade. A tecnologia deve ser bem utilizada; precisamos de conhecimentos específicos para tal feito e a escola deve estar totalmente preparada para atender a essas demandas, a fim de que indivíduos ativos na sociedade sejam formados, estendendo o conhecimento adquirido para o seu meio social. Dessa forma, para que isso aconteça, habilidades e competências devem ser desenvolvidas, tornando urgente e necessária a educação.

AS FAKE NEWS E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA: APONTAMENTOS A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

O questionário, criado no *Google Forms*, foi compartilhado pelo *WhatsApp* com professores de diferentes escolas e turmas do ensino fundamental, que fazem parte da nossa rede de contatos de educadores, em dois municípios do Estado do Maranhão, durante os meses de novembro e

dezembro de 2023. Obtivemos a adesão de 15 professores que responderam à pesquisa. A rigor, não houve critério para seleção de participantes, utilizamos apenas como *corpus* de análise os questionários respondidos dentro do tempo estabelecido de dois meses (novembro e dezembro). Vejamos os dados gerados na sequência.

A primeira questão que lançamos aos sujeitos referiu-se à incidência de *fake news* na escola. Esta pergunta foi fechada, e nos deparamos com os seguintes resultados no gráfico a seguir:

Figura 1: Incidências de *fake news* na escola



Fonte: *Google Forms*, 2023.

Com base nesses dados, a maioria reconheceu a chegada das *fake news* no ambiente escolar, o que nos leva a refletir sobre a influência das mídias nesse contexto. A questão da desinformação é um fato em nosso meio, conforme Santana e Simeão (2020) e Fernandes, I. e Fernandes, T. (2023) apontaram, que por conseguinte, chegou nas escolas, que precisam, enquanto desafio contemporâneo assumir a responsabilidade de educar crianças e jovens na sociedade atual para que sejam literatos em mídia.

As tecnologias digitais precisam ser incorporadas e trabalhadas no contexto educacional como uma ferramenta que favorece a aprendizagem, sendo relevante a educação midiática, uma vez que sua aplicação pode trazer benefícios para a sociedade como um todo, como afirmam Calixto, Luz-Carvalho e Citelli (2020).

Dando prosseguimento, a partir de uma questão aberta, perguntamos aos professores respondentes da pesquisa sobre os possíveis impactos das *fake news* no trabalho educativo, com vistas a captar as consequências da incidência desse fenômeno no processo de ensino e de aprendizagem. Quatorze respondentes afirmaram que sim, e um foi categórico dizendo somente que *não*. Quanto às respostas afirmativas que impactam o trabalho educativo, apresentaram aspectos distintos. Vejamos:

1. Sim. As mentiras que de tanto serem repetidas tomam aspectos de *verdades*, que se tornam difíceis de serem combatidas.
2. Sim, muitos envolvendo questões políticas.
3. Sim. Da mesma forma como o acesso a vários conteúdos educativos ou pesquisas escolares tornaram-se mais fáceis, há também a dúvida do que realmente é de confiança e o que não é.
4. Sim. Especialmente no que diz respeito ao trabalho do professor.
5. Sim, cria barreiras entre professores e alunos.
6. Sim. Na desinformação de fatos da ciência por exemplo.

7. Deturpando informações. Disseminando falsos conceitos.
8. Sim. Na leitura no qual o aluno prefere ler coisas supérfluas ou ver vídeos do que fazer uma boa leitura de um livro, dificultando a vida do educador.
9. Sim. Falta de conhecimento da malícia nas redes sociais.
10. Desinformação em relação a variados assuntos.
11. Sim. O desmonte de Paulo Freire.
12. Sim! Desinformação, distorções, negacionismo e violação da ética.
13. Sim. Com o uso excessivo das redes sociais, nos deparamos constantemente com as *fake news*. É necessária conscientização para que esse tipo de informação seja identificada sem causar prejuízos ao aprendizado.
14. Sim. Relacionamento entre o corpo discente e docente.

O panorama trazido pelos professores nos remete a projetar os impactos sob dois aspectos: implicações para a vida pessoal e social, e implicações pedagógicas que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. No encalço do primeiro, lembramos que a escola é espaço social e não funciona de forma isolada, engendra e é engendrada pela dinâmica da sociedade como um todo. Todos os processos sociais, benéficos ou não, desaguam na escola, que precisa, frente à sua função social, encontrar caminhos e dar respostas às demandas provocativas da sociedade com intencionalidade pedagógica.

O quesito implicações pedagógicas traz a tônica que a fluidez e sucesso do processo educativo é marcado fundamentalmente pela boa relação, respeito e confiança entre o professor e o aluno, que mediatizados pelo mundo, fazem da escola um ambiente rico de experiências e oportuno à construção do conhecimento. Ao desacreditar do processo e do conhecimento trabalhado no espaço escolar em função do que fora veiculado nas redes, ou ainda nada fazer quando o aluno chega (des)informado pelas redes certamente compromete negativamente esse elo e a função da escola, o que precisa ser monitorado e lapidado com vistas ao desenvolvimento do processo educativo.

Frente às implicações destacadas pelos respondentes, em questão aberta, perguntamos se consideravam importante a escola desenvolver algum trabalho no combate à desinformação. Obtivemos sete respostas afirmativas, sendo:

1. As consequências graves que uma mentira pode causar.
2. Acredito que a escola tem essa função de conscientizar o quão prejudicial é disseminar informações não verídicas.
3. Sim, é de Sim.
4. Sim. Faz-se necessário explorar o que as redes sociais têm de melhor e mais educativo, e em contrapartida ir mostrando os malefícios da mesma, principalmente quando se trata de *fake news*. Creio que se deve mostrar suma importância que se tenha um planejamento de combate a esse tipo de ideia que tira o foco de muitos.
5. Sim. O respeito pela nossa história brasileira.
6. Sim, é imprescindível esse enfrentamento.
7. Sim, com certeza.

Pelas respostas, acreditam que seja importante explorar o potencial das redes, desenvolver um trabalho de conscientização e planejar ações para enfrentar esse fenômeno, caminhos apontados por alguns professores respondentes. Nesses indicativos os professores demonstram, em certa medida, clareza da dimensão desse desafio posto à escola e ao seu trabalho em sala de aula, apropriação em tecnologias, conscientizar para/com as tecnologias e intencionalidade nas

ações são conjecturas complexas do trabalho docente, mas sempre imprescindíveis. Assim, os respondentes tomam isso como ponto de partida para trabalhar tal problemática, uma vez que o fazer docente envolve a tomada de consciência do problema que precisa ser abordado e, a partir disso, o planejamento e a reflexão sobre as ações a serem desenvolvidas. Com essas etapas, o professor poderá garantir melhores resultados nos processos pedagógicos, visando à superação das problemáticas, sendo, neste caso, a formação de alunos críticos capazes de lidar com os desafios impostos pelas mídias de informação e comunicação contemporâneas, conforme nos destacou Robbs (2010).

Nesse sentido, podemos perceber que as respostas corroboram com uma proposta que fomenta a educação midiática. Conduzir os sujeitos em formação a desenvolver pontos de vista críticos e um melhor trato com a informação é prepará-los para uma relação criativa e ativa com a mídia, como enfatizou Roznieski (2022).

Por último, em questão aberta, perguntamos se a escola tem diligenciado ações no combate à desinformação. Em caso afirmativo, pedimos que citassem. Tivemos 13 respostas. Uma delas afirmou que não, outras 12 disseram que sim. Vejamos:

1. Algumas ações, como: reflexões em sala de aula, alguns projetos que abordam de maneira geral o uso da tecnologia. Agora o tema *fake news* mesmo, na base escolar, ainda está muito a desejar. É preciso que as crianças vivenciem, imitando a vida com arte, e abordem com seriedade, praticidade artística e tantos outros meios, as consequências graves que uma mentira pode causar...
2. Sim, trabalho de conscientização e debates.
3. Sim. Com diferentes projetos desenvolvidos ao longo do ano, na área de língua portuguesa com produções textuais, temos a disciplina de *mindmaker* que trabalha com esse módulo também, na feira de ciências desse ano trabalhamos a competência *cultura digital* da BNCC e tivemos stands falando sobre o assunto e na finalização do projeto bilíngue, as turmas de 8º ano abordaram sobre os riscos das *fake news* na internet.
4. Sim. O trabalho é feito diariamente nas salas de aula.
5. Sim. Amanhã não tem aula.
6. A meu ver ainda falta muito, mas não de não ter.
7. Sim. Promove um espaço livre para o diálogo por meio de debates com a temática.
8. Nas redes sociais da escola desmentindo as informações e em sala de aula com palestras.
9. Resgate das origens.
10. Sim! Palestras, seminários e fóruns de debates, leituras e pesquisa... orientações jurídicas referentes aos crimes diversos no uso da *fake news*.
11. Sim. Os docentes são orientados por meio das formações ofertadas pela SEDUC para despertarem no aluno o desejo pela busca da informação, na construção do seu projeto de vida.
12. Sim. Aulas de eletivas têm abordado esse tema.

Pelas respostas constatamos que, ações pontuais em sala de aula ou mais abrangentes, em termos de projetos para a escola como um todo, estão sendo desenvolvidas. Pelo exposto, algumas instituições, frente às suas circunstâncias e possibilidades, têm buscado trabalhar a questão com sua comunidade escolar. Minimamente ou de maneira mais ampla, têm debatido, problematizado, refletido, planejado, pesquisado, promovido palestras, dentre outras ações possíveis.

Essas iniciativas das escolas certamente são bem-vindas e necessárias, e podem ser expandidas e incrementadas com vistas a uma educação midiática. Nesse sentido, consideramos que envolver e estimular os alunos à participação ativa e criativa na promoção dessa educação é essencial e o objetivo final de nossos propósitos como professores. Sobre isso lembramos a BNCC, ao colocar que a escola deve possibilitar ao estudante apropriar-se das linguagens das tecnologias digitais e tornar-se fluente em sua utilização, sugerindo também a aplicação dos recursos tecnológicos em cada disciplina, especialmente no ensino fundamental (Brasil, 2018). Contudo, no sentido prático, seria ideal a inclusão das TDIC de forma intencional, objetiva e clara, trazendo sempre a criticidade e reflexões acerca da atualidade. Com isso, elas podem desempenhar um papel muito importante na prática educativa.

Desta forma, acreditamos que os resultados a longo prazo serão mais condizentes com o que se espera do indivíduo na sociedade, ou seja, um cidadão ativo, capaz de aplicar seus conhecimentos adquiridos no meio social em que vive, contribuindo, assim, para a tomada de decisões relevantes que envolvem grandes questões emergentes na atualidade no trato com as mídias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste cenário das TDIC, cercado por tantas informações, é imprescindível estarmos atentos ao que chega até nós, pois o fluxo de desinformação não para; ao contrário, vem ganhando força e adotando estratégias de compartilhamento cada vez mais sofisticadas. Trata-se de um assunto complexo, que exige urgentemente uma solução global.

A educação midiática é um caminho que pode ser proposto neste trabalho, vislumbrando ser uma nova perspectiva educacional baseada no trato com/por/sobre as novas tecnologias digitais de informação e comunicação.

Discutimos neste artigo a desinformação e circulação de notícias falsas em redes e mídias digitais, e defendemos a educação midiática como forma de combate a tais práticas tão presentes em nosso meio, vez que situa o indivíduo na realidade e desenvolve criticidade frente as informações lançadas nas mídias.

Resgatando o objetivo deste trabalho, buscamos situar, na percepção dos professores, se a desinformação tem chegado à escola e quais proposições têm sido desenvolvidas com o objetivo de combatê-la, na perspectiva de uma educação midiática. A partir das falas dos respondentes, pudemos verificar que as *fake news* chegaram à escola e trouxeram implicações pessoais, sociais e pedagógicas no desenvolvimento do processo educativo. Por isso, é importante realizar um trabalho que busque combater a desinformação, por meio de ações pontuais ou mais abrangentes, envolvendo a comunidade escolar na reflexão sobre caminhos e alternativas para promover uma educação midiática. Essa educação deve perpassar uma formação crítica e criativa que atenda às demandas da sociedade contemporânea.

Contudo, acreditamos na capacidade de cada instituição escolar de enfrentar as problemáticas que surgem dentro de seus muros. Embora tenhamos encontrado nos autores algumas proposições para a operacionalização de uma educação midiática, a forma como as escolas implementam suas propostas, dentro de suas condições e circunstâncias, pode nos fornecer pistas relevantes sobre os mecanismos e ações projetadas. O que recebemos como respostas, embora ainda incipiente e, talvez, sugira ações mais convencionais, deve ser valorizado, pois alteramos as rotas da educação ao valorizar experiências mais pontuais e simples, mas que atendem de forma bem-sucedida ao que se propuseram a mudar. Com isso, queremos afirmar que as propostas de

ações apresentadas pelos participantes são válidas e podem nos fazer refletir e avançar na promoção de uma educação midiática, tão necessária atualmente em nossas escolas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Bia; MARTINS, Helena; VALENTE Jonas. Fake news: como as plataformas enfrentam a desinformação. *Intervozes coletivo Brasil de comunicação social*, 2020-2021. Disponível em <https://app.rios.org.br/index.php/s/JDWtwTS2nBmpQso>. Acesso em 17 jan. 2024.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 10 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 16 fev. 2024.
- BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077>. Acesso em 4 fev. 2024.
- CALIXTO, Douglas; LUZ-CARVALHO, Tatiana Garcia; CITELLI, Adilson. David Buckingham: a Educação Midiática não deve apenas lidar com o mundo digital, mas sim exigir algo diferente. *Comunicação & Educação*, Campinas, ano. 25, n. 2, p. 127-137, jul./dez., 2020. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p127-137>. Acesso em 12 fev. 2024.
- FERNANDES, Iracema Cristina; FERNANDES, Terezinha. Letramento informacional no combate às fake news na educação. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 41-51, jan./abr., 2023. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/68237>. Acesso em 12 fev. 2024.
- FRANCESCO, Nayara Nascimento; LEONE, Simone Delago. Educação midiática contra “fake news”. *Revista Científica UMC*, Mogi das Cruzes, v. 5, n. 1, p. 1-15, fev. 2020. Disponível em [file:///C:/Users/kmile/Downloads/claudiooliveira,+955-3593-1-CE-Nayara%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/kmile/Downloads/claudiooliveira,+955-3593-1-CE-Nayara%20(2).pdf). Acesso em 12 fev. 2024.
- GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FAGUNDES, Maria Clara Marques. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Manguinhos, v. 25, n. 2, p. 4201-4210, set./out., 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 27 dez. 2023.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2014.
- OLIVEIRA, Albertina Lima; VIEIRA, Cristina C; AMARAL, Marco Antônio. *O questionário online na investigação em educação: reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas*. 2021. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11418>. Acesso em 10 nov. 2023.
- PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. *The Psychology of Fake News*. Trends in Cognitive Sciences, Philadelphia, v. 25, n. 5, p. 388-402, may 2021. Disponível em <https://www.cell.com/action/showPdf?pii=S1364-6613%2821%2900051-6>. Acesso em 10 fev. 2024.

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO GLOBAL DA EDUCAÇÃO. Unesco. 2023. Disponível em <https://www.unesco.org/pt/articles/lancamento-global-do-relatorio-gem-2023-sobre-tecnologia-e-educacao-em-montevidau>. Acesso em 25 jan. 2024.

ROBBS, Renee. *Digital and media literacy: a white paper by Renee Hobbs A Plan of Action*. The Aspen Institute, 2010. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED523244.pdf>. Acesso em 21 jan. 2024.

ROZNIESKI, Raiza. Educação midiática: uma proposta para a escola. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10334/2/Raiza%20Roznieski%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20-%2002.05.2022.pdf>. Acesso em 19 jan. 2024.

SANTANA, Gislane Pereira; SIMEÃO, Elmira Luiza Melo Soares. Notícias falsas: origens, meios de disseminação, contextos e enfrentamento. In: *Seminário Hispano-Brasileiro De Investigación En Información, Documentación Y Sociedad*, 8., 2019, São Paulo. Disponível em <http://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/3862391>. Acesso em 15 fev. 2024.

Submetido 25 de março de 2024
Aprovado 16 de setembro de 2024

Informações das autoras

Késsia Mileny de Paulo Moura
Universidade Federal do Maranhão
E-mail: kessia.moura@ufma.br
ORCID: 0000-0002-5124-1432
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4399361929829646>

Luciana Silva Palmeira
Universidade Federal do Maranhão
E-mail: lucianasilvapalmeira0@gmail.com
ORCID: 0009-0006-3726-7229
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5636890950258514>

Samantha Morais de Oliveira Sousa
Universidade Federal do Maranhão
E-mail: moraissamantha19@gmail.com
ORCID: 0009-0006-8633-351X
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4711349175023177>